

Quatro jornalistas do CB, distanciados da cobertura diária da área econômica e leigos em economia, contam nesta página como vêem o novo pacote econômico que está sendo divulgado esta semana pelo Governo. Escrevem como cidadãos comuns, sem nenhuma intenção de explicar ou interpretar as novas medidas, mas apenas demonstrar sua perplexidade diante desse mundo, acessível a poucos, que é o mundo onde se tomam as altas decisões da economia nacional, mundo povoado por overnights, joint-ventures, opens etc. Escreveram movidos por apenas uma coisa: a curiosidade que seus bolsos, cada vez mais vazios, têm em tentar compreender a dívida externa, a inflação, o funcionamento do mercado e, em suma, a economia nacional.

A economia do país vista por quatro leigos

CLAUDIO LYSIAS

Confesso ter, num imaginável fundo de alma, alguma inveja dos que enveredam com sucesso (?) pelos tortuosos caminhos da economia e pelo seu magnífico universo de linguagens cifradas, símbolos atraentes, termos cabalísticos e explicações mirabolantes. E essa inveja aumenta quando, obrigado pelo meu bolso vazio, me preparam para tentar compreender mais um pacote econômico a ser lançado hoje sobre nós. O leitor há de compreender que escrevo pela manhã e, a esta altura, o pacote pode já estar nas ruas. Mas isso não altera nada. Mesmo que escrevesse já sabendo o que iria ser anunciado, não seria eu a pessoa capaz de explicar ao leitor o que está se passando e por que ele fica mais pobre a cada dia que passa. Longe de mim essa idéia. Prefiro convidar o leitor a compartilhar comigo a sua perplexidade e o seu espanto diante dessa mágica ciência (será?) que nos ensina a empobrecer com a resignação dos ignorantes, para quem não adiantam os livros caros, teses no estrangeiro e uma grande capacidade para a improvisação e para o delírio.

O leitor, por acaso, numa dessas tardes de ocio, já procurou saber ao certo o que é overnight? Um amigo meu, ao ser convidado para assumir uma editoria de economia, saiu-se com essa: "Não acho porque overnight pra mim é bailarico". O convite morreu ali para alívio do meu amigo que, aliás, entende de economia mas prefere manter certa distância. Sua definição, se não agrado ao autor do convite, foi, para mim, uma revelação. Overnight deve ser realmente bailarico, algo como overdoe, orgia, algo assim. Vejamos este texto retirado de uma matéria sobre economia publicada num jornal carioca de ontem: "A diferença entre o preço de uma ação no mercado à vista e no mercado futuro, e entre os preços nos diferentes vencimentos do mercado futuro, guarda uma correlação entre a taxa de juros praticada no período. Com a nova regulamentação, é possível operar spreads, ou seja, comprar a futuro para um determinado prazo e vender para outro. Como o spread é uma estimativa do comportamento futuro da taxa de juros, é possível se defender contra oscilações futuras das taxas de juros". O leitor entendeu o que isso significa? Não? Pois então saiba que se trata de uma explicação do secretário-geral da Bolsa de Valores do Rio, Virgílio Gibbon, para que o investidor possa se defender das flutuações das taxas de juros. Nessas horas

me sinto bem não sendo um investidor.

Mas há mais. Nesta época de crise, como uma planta carnívora, a linguagem dos economistas possui um estranho poder de se fechar ainda mais sobre os contribuintes, ou seja, sobre nós, os ignorantes. Não há dia em que não se explique, com palavras certamente tiradas de um dicionário de ouro, por que a inflação teima em desobedecer as estatísticas, os números escapam da mais elementar tabuada e a prática desconheça as mais elegantes e sofisticadas teorias. Cheguei à conclusão, depois de ler tudo sobre o assunto, que essas dificuldades entre o que se diz e o que se vê só podem ser obra do demônio ou parte de algum complô internacional contra o nosso país. Não vejo outra explicação. Nem o preço do petróleo, apontado pela maioria como o principal responsável pelo aumento do leite e da cerveja, me convence. Só o demônio pode ter arquitetado tudo isso.

Mas minha perplexidade não parou por aí. Enquanto descansava da tentativa de encontrar alguma pista mais concreta nas páginas econômicas para satisfazer a curiosidade do meu bolso vazio, ávido de explicações, passei para uma página do noticiário esportivo. Queria descansar. Não é que lá encontro Zico pedindo reajuste salarial com base nas ORTNs? Meu Deus, exclamei, entre desorientado (o que serão mesmo ORTNs?) e abismado. Será que no morro da Mangueira a torcida rubro-negra estará, máquina de calcular nas mãos, vendo quanto Zico irá ganhar com base na cotação atual das ORTNs? Ou estará, embalada, discutindo a dívida externa? Fico em dúvida, pois sempre soube que neste país tudo pode acontecer, até mesmo pagarmos a dívida externa e o Sobradinho ser campeão brasileiro.

Por último, para que o leitor não pense ser eu um ignorante em tudo, e não apenas em economia, gostaria de declinar minha admiração por alguns escritores nacionais e estrangeiros, todos mestres da arte do absurdo, pesquisadores dos subterrâneos da alma e das coisas de modo geral. O maior, para mim, é Alfred Jarry, que vivia pelas noites de Paris dando tiros para o alto e bebendo absinto. Escrevia nas horas vagas. Em seguida, vem Ionesco, que colocou o teatro de cabeça para baixo. São dois autores que admiro profundamente. Mas devo reconhecer e, em alguns pontos, tirar o chapéu para nossos mestres, nossos produtores nacionais. Delfim, Galvão, Langoni, vocês são demais.

Um diálogo

JOÃO BATISTA DE ABREU

PIB - Como vai, PNB, tudo bem?
PNB - Estou preocupado com a curva da oferta e da procura...
PIB - Mas por quê? A oferta está menor do que a procura?
PNB - As vezes. Mas, quando a oferta é maior, o preço baixa...
PIB - Rapaz, ontem a demanda me telefonou...
PNB - Ih, ela continua com aquela vozinha gostosa?
PIB - Sô, cara, cada vez mais gostosa...
PNB - Tenho medo de me apaixonar por ela...
PIB - Perai. Você está invadindo minha seara...
PNB - A gente não vai briguar por ciúmes. Afinal, ainda tem o INPC...
PIB - O, amigo, tá virando a casaca? O INPC é fogo...
PNB - Por isso mesmo, é fogo. E eu tô com frio...
PIB - Tá com frio, é? Procure uma boa liquidação, uma amiga inadimplência.
PNB - Eu já tentei... A inadimplência é muito radical. Para ela, é bem cabeludo ou careca de tudo...
PIB - E a insolvência?
PNB - Ah, essa não. Essa topa qualquer coisa, vai com qualquer um.
PIB - Esse é o problema: quem eu quero não me quer; quem me quer mandei embora.
PNB - Ainda bem que nos resta o FMI...
PNB - Esse é barra-pesada. Vou pedir uma moratória.
PIB - Moratória ou renegociação?
PNB - Dá no mesmo. A gente tem é que pedir tempo...
PIB - Mas depois ele (o FMI) vai cobrar mais caro...
PNB - Uns beijinhos, palavras doces nos ouvidos e mais tempo...
PIB - Outra moratória - ou renegociação?
PNB - É, amigo, o negócio é rolar.
PIB - Deitar e rolar?
PNB - Nesse caso, acho que a gente só rola, ou enrola, deitar é difícil...
PIB - Então, qual é a graça?
PNB - A graça? São várias: overnight, spread, joint-ventures, commoditys...
PIB - Pô, você tá com tudo, esse pessoal todo...
PNB - A gente pode dividir...
PIB - Dividir o quê? A dívida externa, interna, os juros, correção?
PNB - Sabe de quem a gente quase se esquecia? do BNH.
PIB - É verdade, o BNH é gente fina. Só 130% de aumento...

Uma observação

ANTONIO ROBERTO PRATES

Mais um pacote nas ruas e, desta vez, promete o próprio Presidente da República um pacote destes de deixar tremendo o mais ferrenho dos otimistas. Para mim não faz a menor diferença. Desde há alguns anos preferi entender o significado das sucessivas medidas econômicas tomadas por nossas autoridades competentes — cruz credo —, a partir de uma leitura que nada tem a ver com o econômico: a leitura carnavalesca. Mais simples, mais autêntica e mais eficiente. Por isso mesmo, logo depois do primeiro pacote lançado em nossos peitos por Geisel, surgiu o hoje já folclórico bloco dos jornalistas de Brasília, o Pacotão. Nele, como em todos os demais blocos e escolas de samba, o gasto com o superfluo não se chama taxa de manutenção, as fantasias e alegorias não são indexadas, o samba-enredo, ao contrário dos complicadíssimos relatórios fazendários, pode ser entendido por qualquer criança e, o que é muito melhor, depois de quarta-feira o delírio acaba e todo mundo volta a cair na real.

Com os pacotões governamentais acontece justamente o oposto. Porque não se precisa ser economista para entender que comprando mais coisas, o cidadão vai gastar mais e que a reciproca é verdadeira. E uma questão de bom-senso, ao que um mago das finanças de plantão poderá responder: o bom-senso não é científico. Tudo bem, aceito resignado do alto de minha ignorância. Mas, então, como entender as determinações da área econômica? Bom-senso, é verdade, não é o que as

Um comentário

LUIS JORGE NATAL

Reproduzimos aqui também um comentário econômico feito por um analista — coleguinha nosso que se especializou nessa área — que tenta explicar o que determinado ministro falou para nós ficarmos mais pobres, comer menos, beber menos e continuarmos sendo um país viável. Sobe o som... Apresentador: Com vocês uma entrevista exclusiva do nosso ministro da dívida externa ao repórter Fulano de Tal... Entrevista: Ministro, vem ou não vem a moratória?
Ministro: Well, zxyxk. Depende de wtrz somado retropropw e se tudo estiver correto virá lwsutry, que é a solução...
Apresentador: Ouviremos agora

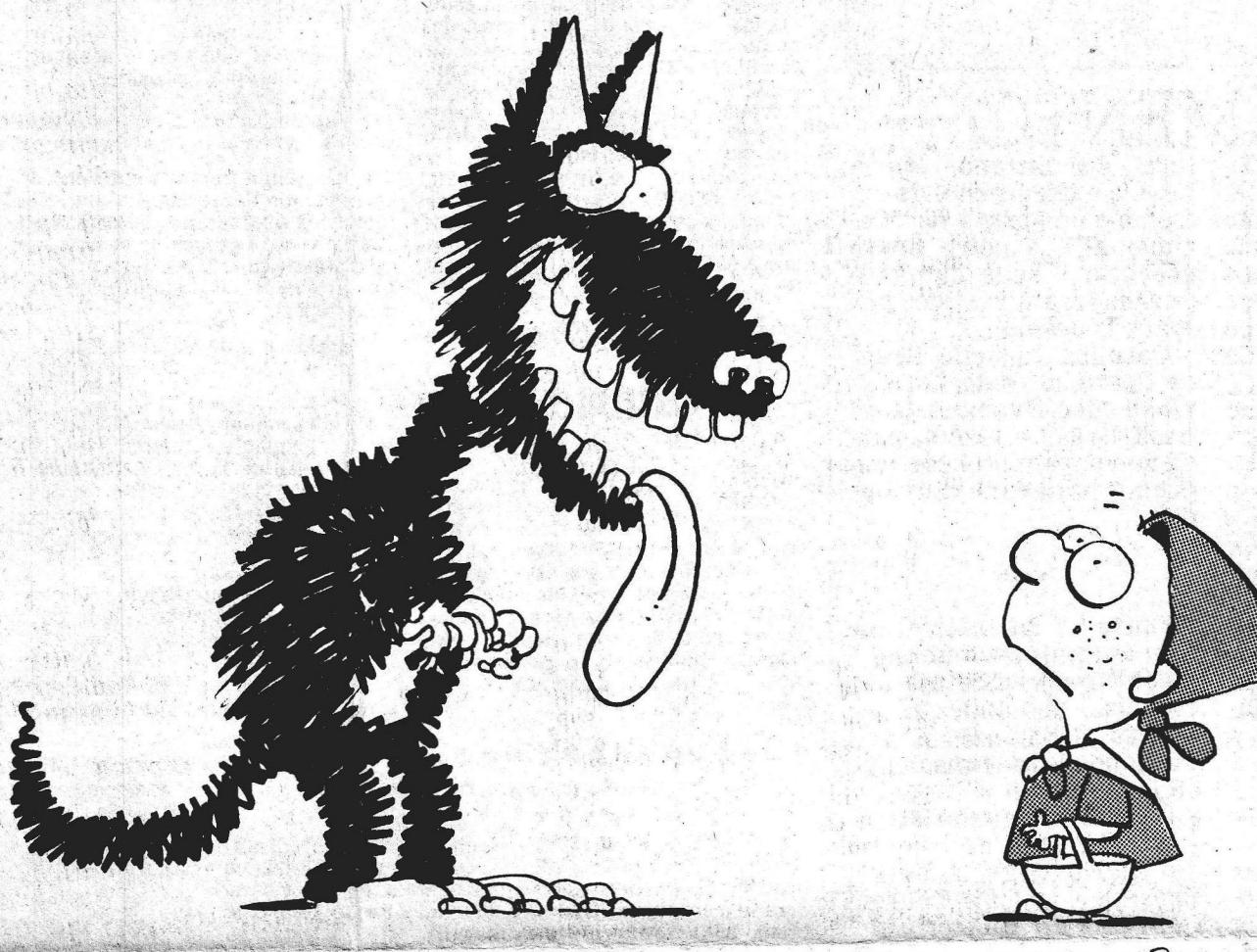
nosso analista econômico...
O analista ajeita a gravata, solta um leve pigarro e começa...

— O pacote de medidas antinflacionárias proposto pelo ministro da dívida externa retirará uma parcela sustancial dos subsídios do pão, leite e círculo, isto incidirá na cobrança do imposto-calamidade, que por um lado afetará o salário do trabalhador, por outro arregimentará novos recursos para o aquecimento das saunas secas e a vapor, fundamentais para o desenvolvimento do nosso

programa econômico. Em suma, o salário do trabalhador perderá seu valor aquisitivo mas ganhará com as perdas indiretas. Acredito que fui bem claro.



Brasília, 8 de junho de 1983
Suplemento diário do CORREIO BRAZILIENSE
Não pode ser vendido separadamente



ENTRADA CINEMA

EXTRA

A GRANDE AVENTURA DO CINEMA — Filme de hoje: Jane, de W. Bockmayer. Jane, viúva de Tarzan, vive num asilo para idosos e sonha em voltar à África. As escondidas, veste seu biquíni de pele de leopardo e conversa com animais. Filme inédito no Brasil. Complemento: O Que Foi o Carnaval de 1920, de Antônio Botelho. Cultura Inglesa (908 Sul), às 20:40 horas.

OS HOMENS QUE FIZERAM O CINEMA — Filme de hoje: George Cukor. No auditório da Casa Thomas Jefferson (706 Sul), às 20 horas. Versão original sem legendas. Entrada franca.

ETC, ETC...

CERA NEGRA — O Instituto de Depilação Pantera's (SCLN 304, bloco D, sala 83) está com uma promoção inaugural para seu sistema europeu "cera negra", o único no país que usa o famoso preparado de cera que contém aditivos especiais com a qual se elimina progressivamente o pelo em todas as partes onde se aplique. Maiores informações pelo fone: 244-0781, com Beth.

FUNARTE — Estão abertas as inscrições para o Concurso para Bolsa de Pesquisa da Funarte, até o dia 8 de julho. O tema é: Arte e Técnica nas Artes Plásticas. Música, Folclore e Fotografia. Maiores informações pelo fone: 226-9228.

VIOLONCELLO — Cláudia Jeffé (violoncelista) apresenta-se em São Paulo, no Teatro Cultura Artística, hoje, e, no Rio, na Sala Cecília Meirelles, dia 26, em recitais únicos, tendo ao piano Daisy de Luca.

CHORO — De quarta a domingo, o Clube do Choro está movimentando a noite brasiliense (ali perto do Centro de Convenções). Imprevável.

SERESTA-DANÇANÇO — Neste sábado Roberto Afonso e seu Conjunto voltam a se apresentar na DIZZY SHOW, levando ao público do Cruzeiro Velho uma noite de samba e chorinho, para ouvir e dançar, das 23 às 4 horas da manhã.

SERVICO COMPLETO — PAGINA 7